

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA

RENATA FLAVIANE DA COSTA PIAZZAROLI

**A MORDIDA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE SOB INFLUÊNCIAS
DO MEIO**

ATIBAIA –SP

2018

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PSICOLOGIA

RENATA FLAVIANE DA COSTA PIAZZAROLI

**A MORDIDA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE SOB INFLUÊNCIAS
DO MEIO**

Trabalho apresentado como exigência parcial para obtenção da nota semestral da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I, do 9º semestre do curso de Psicologia do CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT, sob orientação do Prof. Geraldo A. Fiamenghi Junior.

ATIBAIA-SP

2018

Piazzaroli, Renata Flaviane da Costa
P647a A mordida no desenvolvimento infantil: considerações sobre a
agressividade sob a influências do meio. / Renata Flaviane da
Costa Piazzaroli, - 2018.
27 f.; 30 cm.

Orientação: Geraldo Antônio Fiamenghi Junior

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário
UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia da
Faculdades Atibaia, 2018.

1. Agressividade 2. Agressão 3. Mordida 4. Criança 5. Psicanálise I.
Piazzaroli, Renata Flaviane da Costa II. Fiamenghi Junior, Geraldo
Antônio III. Título

CDD 150.195

RENATA FLAVIANE DA COSTA PIAZZAROLI

A MORDIDA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE SOB INFLUÊNCIAS DO MEIO

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Psicologia, avaliado pelo professor orientador responsável, Geraldo A. Fiamenghi Júnior, que após sua análise, considerou o trabalho aprovado, com conceito 10,0 (dez).

Atibaia, 09 de novembro 2018.



Prof. Dr. Geraldo A. Fiamenghi Júnior

Dedico este trabalho as crianças, por sua capacidade de despertar em mim a curiosidade e o desejo de aprender cada vez mais.

Agradecimentos

A Deus que sempre me acolheu nos momentos de angústia.

Aos meus pais, que sempre me motivaram a dar o meu melhor para alcançar meus objetivos. Sem vocês eu não seria nada.

Ao meu companheiro Allan, que sempre me apoiou e secou minhas lágrimas nos momentos mais difíceis.

Aos colegas de turma, que trouxeram mais leveza para as aulas. Vocês proporcionaram muitas risadas.

As amigas que a faculdade me deu Jéssica e Samara, com certeza vocês tornaram essa caminhada mais fácil. Dividimos alegrias, angustias e tristezas. Levarei vocês sempre comigo.

Aos professores, pela paciência e dedicação todos esses anos.

Ao professor Geraldo A. Fiamenghi Junior pela sua capacidade de mais do que transmitir conhecimento, inspirar os alunos por sua paixão.

Aos meus colegas de trabalho, sobretudo às queridas Maristela, Mariah e Regina que sempre me deram apoio e se mostraram solícitas em ajudar no que fosse preciso. Vocês foram essenciais.

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso...”

(O pequeno Príncipe)

PIAZZAROLI, R.F.C. **A mordida no desenvolvimento infantil: Considerações sobre a agressividade sob influências do meio.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018

RESUMO

Este estudo foi construído a partir de observações à uma instituição de ensino infantil no interior de Minas Gerais, à luz do referencial teórico psicanalítico. Pretendeu-se observar o significado da mordida no desenvolvimento infantil, frente as influências ambientais. A agressividade é considerada pela psicanálise, como inata ao ser humano, porém a agressão não. A criança pode ser agressiva por diversos fatores, que podem estar associados as relações construídas com ela. A mordida é um aspecto da agressão infantil, que deve ser compreendida como um sintoma que está sendo comunicado. Cabe ao adulto escutar o que a criança está buscando comunicar para além do sintoma manifesto. É necessário ainda considerar o desenvolvimento libidinal da criança. Na fase oral experimenta o mundo pela boca e, por esta razão leva à boca tudo o que tiver à mão. Já na fase anal, criança está detida na aprendizagem do controle esfinteriano e descobre o sentimento de ambivalência.

Palavras-chave: Agressividade, agressão, mordida, criança, psicanálise.

PIAZZAROLI, R.F.C. Biting in child development: Considerations on aggressivity under environmental influences. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). UNIFAAT, Curso de Psicologia, 2018

ABSTRACT

This study was built from observations conducted in a nursery school in Minas Gerais, based in Psychoanalysis. It aimed to observe the meaning of biting in child's development, under environmental influences. Aggressivity is considered by Psychoanalysis as innate in human beings, but aggression is not. Child may be aggressive due to many factors, associated to relations built around her. Biting is one of the aspects of infant aggression that must be understood as a symptom being communicated. The adult must hear what the child is trying to communicate beyond the manifested symptom. It is also necessary to consider the child's libidinal development. In oral stage, the child experiments the world through the mouth and, due to that, takes to the mouth everything that is at hand. In anal stage, the child is confined to learning sphincter control and discovers the meaning of ambivalence.

Keywords: Aggressivity, aggression, biting, child, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. INTRODUÇÃO	11
Capitulo I – A agressividade no desenvolvimento infantil	11
Capitulo II – As fases psicosexuais e a agressividade infantil	15
2. OBJETIVOS	19
Objetivo geral	19
Objetivo específico	19
3. MÉTODO	20
4. DISCUSSÃO	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Capítulo I – A agressividade no desenvolvimento infantil

A agressividade em crianças é um tema que tem causado preocupação em pais, professores e outras pessoas interessadas pelo desenvolvimento infantil. É necessário compreender até que ponto a agressividade é significativa no desenvolvimento da criança e, como os pais podem contribuir para o afloramento dessa agressividade.

De acordo com França e Yaegashi, (2005), desde bebês, as crianças manifestam reações que podem indicar prazer ou não, em relação ao meio que as cerca. Até os quatro anos aproximadamente, a criança se expressa de maneira mais agressiva para conseguir aquilo que deseja, ou seja, se expressa por meio de ataques como chutes, arranhões, tapas, mordidas, etc. Depois dos quatro anos, a criança começa a se expressar, utilizando mais palavras, do que gestos. Por medo de frustrar, ou por não saber como lidar com os filhos, muitas famílias acabam por colaborar com o desenvolvimento de tal agressividade.

A agressividade pode ser definida como,

Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam **prejudicar o outro**, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão (LAPLANCHE; PONTALIS, p.11, 2001).

Não há um conceito único para falar sobre agressividade na infância, sendo notório a multiplicidade de abordagens teóricas que se dedicam a compreender esta temática. Para Marcelli (2010), do ponto de vista fisiológico a agressividade por ser uma expressão emocional ou uma postura de ataque. No que se refere as bases sociológicas da agressividade, afirma que a infância pode predizer alguns fatos da vida adulta, ou seja, há uma continuidade entre a violência infantil e os delitos violentos da vida adulta. A pobreza, a desorganização, o nível de brutalidade ou violência e o nível de desmoralização podem ser fatores determinantes para os comportamentos antissociais, Marcelli (2010). Ainda de acordo com o autor, existem bases etológicas para a agressividade, estas se referem a intencionalidade da ação.

A criança agressiva pode apresentar sentimentos de ira, ansiedade, rejeição, mágoa, além de não conseguir perceber com clareza quem ela é. Desta forma, é necessário que o adulto compreenda o que a criança está tentando comunicar através de sua agressividade.

Segundo Winnicott (2008), a agressão significa uma reação à frustração, ou uma das fontes de energia do indivíduo, que pode ser identificada antes mesmo do nascimento.

Considerando que toda criança tende a movimentar-se, inicialmente se observa os impulsos motores do bebê, que procura um ponto de oposição. Com o passar do tempo, transformam-se em ações intencionais direcionadas ao objeto, que agora será amado e odiado.

Segundo França e Yaegashi (2005), alguns aspectos podem justificar o comportamento agressivo, isto é, os instintos, que se referem à criança que nasce com um forte instinto agressivo, como parte dominante de sua constituição. O comportamento, que se refere a experiência de vida da criança e o meio-ambiente que está relacionado ao caráter.

Há alguns fatores neurológicos que podem estar atrelados à agressividade, entretanto na maioria das vezes, famílias superprotetoras que se sentem amedrontadas em frustrar uma criança e não conseguem impor-lhes limites, adotam uma relação extremamente permissiva, qualificando negativamente traços da personalidade que podem ressaltar a má conduta (FRANÇA, YAEGASHI, 2005). É necessário considerar todas as variáveis que podem estar relacionadas as atitudes agressivas da criança, a fim de criar estratégias para intervir na conduta agressiva, antes que se torne um processo de difícil reversão.

De acordo com Fiamenghi-Jr (2000) é fundamental compreender a agressividade como uma atitude intencional de ferir alguém. Uma vez que não haja intencionalidade na ação, não pode ser considerada uma atitude agressiva. Segundo o autor a agressividade pode ser categorizada em agressão hostil e agressão instrumental. Afirma:

Agressão hostil: ações cujo objetivo central é causar dano a alguém ou alguma coisa; por exemplo, duas crianças podem bater em outra no parquinho.

Agressão instrumental: comportamentos em contextos nos quais a pessoa tem um objetivo mais amplo, que envolve ferir o outro para ser atingido; por exemplo, uma menina arranca o brinquedo da mão de outra criança, machucando os dedos desta (FIAMENGHI-JR, 2000, p. 60).

Ainda de acordo com Fiamenghi-Jr (2000), para os sociobiologistas, a agressão pode ser compreendida como um mecanismo de competição social, ou seja, como uma estratégia de adaptação para garantir a sobrevivência. Desta forma, compreende-se que desde o nascimento todo ser humano tem tendência a agressividade e, esta irá se manifestar com maior ou menor intensidade a depender de fatores biológicos e sociais.

Contrariamente, Dollard e colaboradores (1939, apud FIAMENGHI-JR, 2000), afirmam que a agressão está relacionada à frustração e não ao instinto, desta forma, pode ser compreendida como uma forma de reação a agressão. Essa teoria apresentou alguns problemas, visto que, as pessoas podem apresentar diversas formas de reação a agressão, além de algumas apresentarem comportamento agressivo na ausência de frustração.

Wolman (1979), afirma que a agressividade está atrelada ao medo, ou seja, tem origem diante de uma ameaça ao indivíduo. O comportamento hostil pode ser categorizado em agressivo, defensivo, pânico e terror. No tipo agressivo, a ação tem por objetivo a destruição do objeto, embora não haja sentimento de ódio por ele. Já no comportamento hostil defensivo, a ação visa a destruição do objeto, que lhe causa, de alguma maneira, ameaça à sobrevivência, combinada ao sentimento de ódio. O pânico refere-se a um comportamento impulsivo, irracional, que visa escapar do perigo de qualquer maneira; por ser irracional muitas vezes é malsucedido. O terror é caracterizado pela cegueira irracional diante do risco de morte.

Ainda consoante ao autor, o ódio pode ser deslocado para um objeto que, pode ou não ser o objeto ameaçador, através do mecanismo bode expiatório. “O destruído pode ainda voltar-se, não para o agente agressor, mas contra o próprio ego, de forma autodestrutiva ou, por último, combinar-se à libido constituindo o sadismo” (WOLMAN, 1979, p. 49).

Segundo Fiamenghi-Jr (2003), as origens do desenvolvimento da agressão são diversas, entretanto as relações familiares são o fator de maior impacto. Crianças com pais altamente punitivos tem maior tendência a serem agressivas no ambiente escolar, isso ocorre porque a punição violenta sugere um modelo de comportamento a ser adotado. Desta forma, a criança tenderá a reproduzir com o grupo na escola, o que vivencia em casa.

De acordo com Gagliotto, Berté e Vale (2012), o espaço escolar é significativo, pois, é um ambiente facilitador para a identificação das condutas agressivas. Para as autoras, as crianças com tais atitudes podem ter algum bloqueio afetivo ou motivacional, o que na escola poderá ser um agente disparador para a agressividade.

Para Morillo e Fonseca (2015), é necessário considerar a relação educador-bebê, uma vez que este vínculo terá efeitos na constituição do sujeito. Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho e, em consequência das crianças cada vez mais cedo nas escolas, as autoras constataram a partir de seus estudos, que mãe já não é a única a encarna o Outro para o filho. Compreendendo que a constituição do sujeito acontece na relação com o Outro, em meio a diversos pequenos outros, a mãe torna-se um pequeno outro por excelência, porém não é imprescindível (MORILLO, FONSECA, 2015). Desta forma, ainda consonante as autoras, o educador exerce uma importante função no desenvolvimento psíquico da criança. De acordo com Kupfer, Bernardino e Mariotto (2014 apud MORILLO, FONSECA 2015), o educador realizará o “exercício da função maternante, termo que considera a continuidade como não idêntica a função materna” (MORILLO, FONSECA, 2015, p. 392). Para as autoras a troca de fraldas, embora considerada muitas vezes como uma tarefa de menor importância, é um momento de interação muito próximo, pois ali o educador está particularizando a palavra àquela

criança. Portanto, deve ser dada a devida importância a este momento, tão significativo para o desenvolvimento psíquico dos bebês.

Marcelli (2010), afirma que a agressividade faz parte da infância, independentemente da forma como será compreendida. Distingue este comportamento em:

as condutas agressivas como expressões agudas de pulsões variadas;
as fantasias de agressão ou de destruição nas quais o objeto e o sujeito frequentemente se confundem, o ego e o não ego não se distinguem;
as visões agressivas, enfim, em que, a criança elabora pouco a pouco seu espaço psíquico (MARCELLI, 2010, p. 198).

Desta forma, para Marcelli (2010), não se reduz somente a fatores fisiológicos, sociológicos ou etológicos, mas, trata-se de algo mais complexo que envolve a “elaboração fantasmática interna vivida, sentida e expressada pelo sujeito em uma conduta interiorizada ou exteriorizada cuja origem permanece sempre inacessível ao observador externo” (MARCELLI, 2010, p. 198). Assim, a agressividade está intimamente ligada a experiência da criança com as fantasias primárias, admitindo que toda criança vivência as fantasias agressivas.

Capítulo II – As fases psicosexuais e a agressividade infantil

A infância é uma fase de grandes descobertas. Sabe-se que o primeiro contato da criança com o mundo é através da boca. O bebê quando leva um objeto à boca está experimentando e, portanto, conhecendo o mundo. Este momento é denominado por Freud, como fase oral, onde a zona erógena principal é a boca (VENEZIAN, OLIVEIRA, ARAUJO, 2009).

De acordo com Dolto (1972), a fase oral caracteriza-se pelo momento em que a organização libidinal concentra-se na boca. O prazer da sucção é independente das necessidades alimentares, ou seja, o bebê continua fazendo movimentos de sucção com os lábios, levando o polegar ou outros objetos a boca, está num processo autoerótico.

A criança identifica-se com o objeto que lhe traz a satisfação de suas necessidades primárias, inicialmente é a mãe e este período é denominado fase oral passiva. Com o aparecimento da dentição, o bebê assume uma posição ativa na fase oral. Neste período, a criança morderá tudo o que lhe for posto à boca, inclusive o seio. A depender da forma como for realizado o desmame, nesta fase, poderá gerar consequências neuróticas para a criança, pois, “o desmame será considerado uma consequência da agressão, isto é, uma punição sob a forma de frustração” (DOLTO, 1972, p. 30). De acordo com Dolto (1972), a criança que é amamentada depois do tempo esperado, pode ter dificuldade em relação a sua agressividade, tendendo a adotar uma necessidade de autopunição; por outro lado a criança que é submetida a um desmame brusco pode desenvolver uma fixação no modo oral passivo.

Lacan (1969 apud VENEZIAN, OLIVEIRA, ARAUJO 2009) explica que a agressividade deve passar pelo Simbólico, que é o articulador do Imaginário com o Real, ou seja, a agressividade será sublimada ou reprimida e não atuada, através da mediação simbólica, da palavra. O simbólico converte a agressividade em palavras, arte, atitudes etc. A agressividade que a criança começa a apresentar desde os primórdios da fase oral, é constitutiva, é necessária para sua sobrevivência. De acordo com Lacan (1998 apud VENEZIAN, OLIVEIRA, ARAUJO, 2009), a criança é agressiva na tentativa de diferenciar-se. Inicialmente, dá respostas imitativas ao mundo que lhe cerca e conforme vai amadurecendo, passa a dar respostas de oposição e rebeldia, o que caracteriza a formação do Eu. Ainda de acordo com os autores, é válido considerar que a agressividade em demasia, pode ser bastante prejudicial ao sujeito, portanto, ela deve ser dosada, o que é possível pela via simbólica.

O estádio do espelho sugere uma compreensão à cerca da agressividade, por considerar o viés da alienação ao outro, ou seja, “a necessidade que o sujeito tem do outro para sustentar um saber sobre si, para saber quem ele é, já que o conhecimento sobre ele vem do outro” (KIVES, 2017, p. 26).

A mordida é uma das primeiras manifestações agressivas da criança, em que ela realiza as fantasias orais sádicas. É um instrumento de aprendizagem, pois pode propiciar o prazer sádico ou uma nova experiência. Ocupa um lugar no campo simbólico.

Segundo Dolto (1972), por volta dos 18 meses a criança começa a sair fase oral, para iniciar a fase anal. Entretanto, essa transição não é imediata e definitiva, podendo confundir-se aspectos de ambas as fases. Na fase anal, a relação entre o adulto e a criança está detida na aprendizagem do controle esfinteriano e, esta condição apresenta a criança a descoberta da ambivalência, que se associa sobretudo à mãe. Se este controle é adequado a mãe está satisfeita com o bebê e pode recompensá-lo; ao contrário, se a criança se suja repreendem-na e ela chora.

Desta forma, de acordo com Dolto (1972), o modo de relação que se estabeleceu não pode desaparecer. A criança precisará criar substitutos para deslocar seus afetos, e ninguém poderá exercer poder sobre eles.

Só ela tem sobre tais objetos um direito de vida ou de morte, isto é, de apertá-los nos braços ou destruí-los, jogá-los fora; numa palavra, de dar-lhes ou não existência, como de seus excrementos (DOLTO, 1972, p. 34).

Ainda de acordo com a autora, nesta fase a criança já desenvolveu uma capacidade neuromuscular satisfatória, que dá a ela a necessidade de manter-se constantemente ativa. É muitas vezes barulhenta e agressiva em relação aos objetos e, é importante que o seja, pois, a criança que é a todo tempo repreendida e limitada em suas satisfações musculares, sente-se destruída e sob a dominação do adulto. “É porque ama o adulto que a criança sente prazer em irritar e agredir” (DOLTO, 1975, p. 35).

De acordo com Roudinesco (1998), o conceito de sublimação está vinculado ao processo de passar algo para outro estado.

Sigmund Freud* conceituou o termo sublimação em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade*, mas que extrai sua força da pulsão* sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados (ROUDINESCO, 1998, p. 734).

Segundo Freud (1927-1931), a sublimação é constituída dentro das peculiaridades do desenvolvimento cultural. Desta forma, sublimar é um processo de renúncia aos instintos, que permite que os seres convivam em sociedade harmonicamente.

Quando uma criança ainda não consegue verbalizar, pode tentar comunicar algo por meio das mordidas. Desta forma, a mordida pode ser entendida como a tentativa da criança em transformar em palavras aquilo que deseja, entretanto, dependerá da forma como o adulto irá receber e lidar com a situação, para que seja atribuído ao simbólico (VENEZIAN, OLIVEIRA, ARAUJO, 2009).

Para a psicanálise, a agressividade é inata ao indivíduo e não deve ser considerada como desvio de comportamento. Entretanto, a agressividade quando violência visa a anulação do outro, é uma escolha. Pode se manifestar de diversas formas, e estar relacionada a um sentimento de rejeição social. Os atos agressivos de uma criança geralmente causam desconforto e constrangimento para as famílias.

Para Gagliotto, Berté e Vale (2012), a agressividade está relacionada às questões vinculadas a dificuldades com limites e repressão das pulsões. O contexto em que a criança está inserida, exerce influência direta e significativa nas manifestações agressivas, uma vez que toda criança tende a reproduzir o comportamento do meio que a cerca. O espaço escolar favorece as manifestações agressivas, que são transformadas em indisciplina e podem comprometer o processo de ensino-aprendizagem. Os professores muitas vezes não sabem como e quando intervir com as famílias, apresentando dificuldade em estabelecer limites. De acordo com Cadreva et al (2009), a criança na educação infantil tem manifestações agressivas na tentativa de dominar um espaço, possuir um brinquedo ou chamar a atenção do adulto. Ela ainda não compreende as regras sociais do ambiente e, com a entrada na escola passa a ser regida por dois microsistemas (família e escola). Devido ao aparecimento de novos personagens, a criança pode sentir-se insegura e reagir de maneira agressiva com o meio.

Ao serem contrariadas, reações de raiva e frustração com comportamentos como chutes, gritos, bater no chão com os pés, as mãos ou mesmo a cabeça, rasgar, quebrar e morder objetos caracterizam as birras e são comuns entre as crianças. Através destas ações, a criança externaliza sua agressividade, na tentativa de ser atendida em seus caprichos (GAGLIOTTO, BERTÉ, VALE, 2012). Ainda de acordo com as autoras, cabe ao adulto adotar uma postura adequada para a situação, mantendo-se calmo e firme diante da criança sem responder com agressividade ao ato. No ambiente escolar, é necessário que o professor reconheça e controle seus próprios impulsos agressivos e, busque alternativas para transformar a agressividade das crianças em desejo de saber. O uso da arte e de atividades lúdicas, pode favorecer o processo de sublimação, natural aos indivíduos.

Segundo Gagliotto, Berté e Vale (2012), a agressão direcionada a qualquer indivíduo, independentemente da situação, sempre carrega uma mensagem que precisa ser escutada.

A criança inibida de demonstrar suas capacidades pode apresentar atitudes agressivas para chamar a atenção do professor e até mesmo dos colegas. Atitudes como quebrar objetos, riscar as paredes da sala de aula ou até mesmo rasgar o caderno são formas de demonstrar esta pulsão agressiva internalizada (GAGLIOTTO, BERTÉ, VALE, 2012, p. 152).

Para as autoras, atitudes repreensivas com crianças agressivas, podem agravar os sintomas, sobretudo ao que se refere a situação de aprendizagem. As crianças que manifestam

comportamento agressivo frequentemente, estão comunicando que algo está errado e, precisam ser asseguradas do afeto dos adultos de referência de seu meio.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo deste trabalho é realizar uma compreensão teórica acerca da agressividade e significado das mordidas na constituição do desenvolvimento infantil.

2.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos o presente estudo visa:

- a) identificar as influências do ambiente nas situações de morder da criança;
- b) refletir sobre o mal-estar causado pela ocorrência de mordidas nas escolas;
- c) analisar as possíveis intervenções para tal situação.

3 MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura, que objetiva gerar conhecimentos sobre o significado da mordida no desenvolvimento infantil e intervenções possíveis. Os dados foram coletados em artigos científicos dispostos em sites específicos de pesquisas científicas como Google acadêmico, Scielo, Pepsic.

Além disso, foram realizadas 5 observações com duração de 2 horas cada, em uma instituição pública de educação infantil, no interior de Minas Gerais, em diferentes faixas etárias. Observou-se a sala de maternal (faixa etária 3 anos), duas salas distintas de mini maternal (faixa etária 2 anos), berçário 2 (faixa etária 1 ano e 3 meses a 2 anos) e berçário 1 (faixa etária 6 meses a 1 ano e 2 meses).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observação 1:

Na data da observação, haviam 19 crianças na sala do maternal e, as responsáveis eram uma pedagoga e uma auxiliar. As crianças estavam brincando com brinquedos e a professora lhes entregava ratinhos confeccionados com papel color-set, elas corriam pela sala e brincavam com os ratinhos que lhes eram entregues, além dos brinquedos espalhados pelo chão. Após algum tempo, a professora chamou as crianças para fila para irem ao parque. Chegando lá, as crianças foram brincar livremente e, em um momento de distração das responsáveis, um menino puxou o cabelo de outro com força. A criança chorou bastante, entretanto ninguém a ouviu. Ela ficou sentada por algum tempo chorando, e em seguida levantou-se e voltou a brincar.

Terminado o horário do parque, a professora levou todas as crianças ao banheiro para lavar as mãos. A monitora as aguardava na sala oferecendo água. Após todas as crianças já estarem na sala, a professora saiu para tomar café. A monitora sentou todas as crianças em uma roda e contou-lhes uma história. Em seguida, a monitora chamou as crianças para formarem uma fila para o almoço. Enquanto formavam a fila, um menino deu três tapas no rosto de uma menina, e logo em seguida pediu desculpas e tentou abraça-la. Chorando bastante, a menina se dirigiu para a monitora para contar o ocorrido, entretanto, não foi ouvida.

O menino que desferiu os tapas, havia sido destacado anteriormente pela professora a estagiária. Relataram que a criança se mostra bastante agressiva em vários momentos do dia, mas que em seguida às agressões sempre se desculpa com os colegas. Afirmou que os pais se divorciaram recentemente, pois o pai agredia fisicamente a mãe. Devido ao histórico, a professora informou que encaminhou o menino para o psicólogo da rede.

Observação 2:

Na data da observação, haviam 12 crianças na sala do mini maternal e, como responsáveis, uma pedagoga e uma auxiliar. As crianças estavam brincando com peças de lego na sala, enquanto a professora escovava os dentes um a um e, a auxiliar as observava sentada em uma cadeira. Após um período de tempo brincando, as crianças desinteressaram-se pelos brinquedos e os conflitos começaram a emergir.

Havia um menino que brincava de maneira agressiva com os colegas enforcando-os com o braço. Quando era repreendido pelas responsáveis, a criança ria e dizia ser brincadeira. Com este ato machucou duas crianças da sala. Depois de várias repreensões o menino se sentou para brincar, uma outra criança se aproximou e pegou algumas peças que estavam próximas a ele, e

então ele rapidamente tentou morder a mão do colega. A mordida não aconteceu, pois, o colega o empurrou. Havia um outro menino que também se mostrava bastante agressivo com os demais, por várias vezes desferiu tapas nos colegas e em seguida se afastava levando o brinquedo que estava com a criança. Ele brincou sozinho a maior parte do tempo e sempre tentava entrar embaixo de algum móvel.

No horário do almoço, todas as crianças sentaram em uma mesa grande e aguardavam pela comida. O menino que se comportava de maneira agressiva na sala desferindo tapas nos colegas, sentou, mas logo levantou-se e ficou embaixo da mesa. Ele beliscava a perna dos demais, puxava os sapatos e chamava insistentemente um outro menino para ficar lá com ele, entretanto este não foi, pois foi repreendido pela auxiliar da sala.

Após ter entregue o prato de todas as crianças, a professora tirou o garoto debaixo da mesa e sentou-o na mesa ao lado, entretanto ele não ficou sentado. Gritava, dizendo que não iria sentar e que não queria comer. A professora ao tentar força-lo a sentar, foi surpreendida com dois socos na barriga. Ficou muito irritada e o levou para a sala da direção. Alguns minutos depois, o menino voltou para o refeitório com a vice-diretora que sentou-se ao lado do menino para que comesse. A criança não hesitou. Após o almoço, as crianças foram levadas de volta para a sala, para o horário do descanso.

Observação 3:

Neste dia, observou-se outra sala de mini maternal, tendo como responsáveis uma pedagoga e duas auxiliares. A escola estava em comemoração à semana da criança e, havia diversos brinquedos na instituição.

As crianças eram mantidas sentadas para esperar os colegas no brinquedo, geralmente entravam de 4 em 4 crianças. Os que estavam esperando, ficavam bastante agitados e brigavam constantemente. A professora e as duas auxiliares gritavam bastante chamando a atenção das crianças, tentavam mantê-las sentadas, porém as crianças levantavam e corriam.

Todos demonstravam bastante cansaço, principalmente as crianças. Choravam bastante e alguns não queriam entrar nos brinquedos. A agitação do ambiente, o cansaço das mediadoras e das crianças e o alto nível de estresse favoreceram a ocorrência de 5 mordidas durante o período de observação da estagiária. Três destas mordidas ocorreram em meio aos gritos da professora na tentativa de manter as crianças sentadas. Nenhuma providência foi tomada; em apenas um caso a professora dirigiu-se à criança que mordeu e lhe repreendeu de forma bastante grosseira.

Uma das auxiliares se mostrava bastante irritada, e se comportava de maneira agressiva com as crianças, diversas vezes levantou alguns pelo braço e em seguidas sentou-as no chão depositando força no ato. As crianças choravam intensamente. Esta auxiliar falava com as crianças de maneira agressiva, chamando-os de moleques, insuportáveis, encapetados, dentre outros adjetivos desagradáveis.

Após brincarem em todos os brinquedos, as crianças foram levadas para a sala. Era um espaço grande e confortável. A professora deixou a sala dizendo que iria fazer seu horário de café. As auxiliares levaram as crianças para o refeitório para que eles tomassem sopa. Enquanto elas distribuía os pratos, as crianças conversavam e brincavam entre si. Então, as que estavam no canto da mesa começaram a se empurrar, e uma menina mordeu o braço de um colega. Novamente, as mediadoras não tomaram nenhuma atitude. As duas crianças, a que mordeu e a que foi mordida, choraram bastante. Depois de comerem, as crianças foram levadas de volta para sala e as monitoras distribuía brinquedos para elas.

Enquanto brincavam, ninguém supervisionava as crianças, pois, as responsáveis estavam ocupadas com outros afazeres. Em meio à disputa por brinquedo, ocorreram diversos puxões de cabelo, diversos tapas e uma mordida. As auxiliares gritavam com as crianças para que parecessem do lugar onde estavam, dando continuidade à atividade que estavam realizando. Por não haver nenhum adulto próximo das crianças para media-los, os conflitos se intensificaram. A maioria chorava bastante, mas não eram atendidos de nenhuma forma.

Observação 4:

Neste dia, observou-se a sala do berçário 2, em que havia cerca de 28 crianças e duas auxiliares como responsáveis. Ambas estavam realizando os banhos, enquanto as crianças brincavam ao som de uma música infantil.

Não havia brinquedos, então brincavam uns com os outros. Em diversos momentos conflitos surgiam entre eles, entretanto rapidamente eram resolvidos inicialmente. Com o passar do tempo, as crianças começaram a se mostrar incomodadas com o fato de não ter nenhuma atividade direcionada a elas, e então, os conflitos aumentaram.

Uma das monitoras saiu da sala para seu horário de café, e a outra continuou a realizar os banhos e as trocas. Ninguém observava as crianças, então a monitora pediu para a estagiária olhar as crianças enquanto ela finalizava os banhos. A estagiária explanou a proposta do estágio e comunicou a ela que não poderia se responsabilizar pelas crianças. A monitora insistiu dizendo para a estagiária que ela não precisaria realizar nenhuma atividade, apenas comunicá-

la se algo acontecesse. A estagiária novamente explicou a proposta do estágio, entretanto a monitora continuou a realizar os banhos.

As crianças corriam e gritavam bastante pela sala. Uma menina sentou-se no tapete próxima a um grupo de crianças que estavam brincando e mordeu o braço de uma delas. A criança chorou bastante e a estagiária chamou a monitora. Esta passou uma pomada no braço da criança mordida. Enquanto passava a pomada a mesma menina que havia mordido, mordeu o braço de uma outra criança. Ela mordia, e em seguida saía correndo. Neste momento a monitora que havia saído, retornou para a sala e colocou a menina que estava mordendo os demais sentada no canto da sala.

Enquanto corriam e gritavam pela sala, ocorreram diversos empurrões, puxões de cabelo, beliscões e até mesmo duas mordidas, em que a criança não chorou. Nenhuma destas situações foi observada, ou mediada por alguém.

Observação 5:

Neste dia, observou-se a sala do berçário 1, em que havia 25 crianças presentes, porém 31 matriculadas e, três auxiliares como responsáveis.

As responsáveis estavam realizando os banhos e, ninguém observava as crianças. Alguns estavam em berços individuais, outros estavam em carrinhos para bebê e alguns estavam no chão. As crianças interagem pouco, devido a forma como a sala estava organizada. As que estavam no chão interagiam por alguns momentos, entretanto devido à ausência de estímulos e supervisão choravam bastante. Quando se aproximavam, acabavam por machucar o outro com puxões de cabelo, empurrões e tapas.

Os bebês que estavam nos berços choravam intensamente, porém não eram atendidos. Três deles dormiram, vencidos pelo cansaço. Entretanto as monitoras os acordaram, pois, era hora de ser servido o almoço.

As monitoras organizaram todos os carrinhos em cinco semicírculos, para oferecerem o almoço às crianças. As crianças que foram acordadas não se alimentaram, pois, choravam intensamente. Alguns dormiram no carrinho enquanto comiam. Finalizado o almoço, os carrinhos foram organizados e as crianças colocadas para dormir.

Percebe-se, diante dos dados apresentados nas observações, que os fatores ambientais estão diretamente relacionados às condutas agressivas das crianças. Observa-se que algumas das situações de agressão ocorrem, na disputa por um objeto de desejo. Corroborando com a explicação de Fiamenghi-Jr (2000), trata-se de uma agressão instrumental, em que a ação visa ferir o outro e ser atingido. Desta forma, em um meio em que as crianças estão desassistidas,

precisam criar mecanismos para sobreviver e, como a capacidade verbal ainda é restrita, os atos agressivos tornam-se constantes. Como exemplo, na observação 3, no momento em que as crianças estavam na sala, a disputa por brinquedos associada à falta de supervisão de um adulto favoreceu a ocorrência de comportamentos agressivos. Também, na observação 2, para conseguir as peças de lego, a criança usa a mordida como instrumento.

Nota-se também, que a relação educador-criança é pouco satisfatória, pois, não há um vínculo afetivo entre as partes. Considerando os estudos de Morillo e Fonseca (2015), em que afirmam que a constituição subjetiva de um sujeito acontece no encontro com o Outro e, que este se manifesta em diversos pequenos outros, entende-se que a constituição do indivíduo será afetada negativamente. Em todas as observações citadas, percebe-se um distanciamento entre os educadores e as crianças. As situações de conflito raramente eram mediadas, muitas vezes, quando as crianças comunicavam para algum adulto que haviam sido agredidas, não eram escutadas.

Em relação aos fatores ambientais, associados à fase de desenvolvimento psicosssexual da libido, os resultados indicam que as crianças tenderão a manifestações agressivas, devido as poucas manifestações de afeto. Como explicitado por Fiamenghi-Jr (2003), as crianças tendem a reproduzir na escola, aquilo que vivenciam em casa. Corroborando a Gagliotto, Berté e Vale (2012), a agressividade está relacionada à dificuldade da criança com limites e repressão das pulsões. Desta forma, a criança tenderá a reproduzir o comportamento do meio que a cerca. Considerando as observações, o contexto desta instituição, associado ao contexto familiar de algumas crianças contribui significativamente para as ações agressivas descritas.

De acordo com Dolto (1972), na fase oral ativa a criança morderá tudo o que tiver a boca, como forma de manifestação de sua primeira pulsão agressiva. Por volta dos 2 anos a criança começa a entrar na fase anal. A transição da fase oral para a fase anal não é imediata, elas confundem-se por algum tempo. Neste momento transitório a criança começa a perceber a ambivalência de sentimentos que tem pelo adulto de referência. Com a fase anal consolidada, a criança já desenvolveu condições neuromusculares satisfatórias e, por essa razão tende a ser ativa e, precisa deste movimento. Desta forma, apresenta comportamentos agressivos em relação ao meio, é barulhenta e constantemente confronta o adulto. Assim, cabe ao adulto não retalhar a criança, mas criar nela o hábito de uma disciplina social. Para tanto é necessário, acompanhar de perto as crianças, garantindo-lhes um ambiente seguro. Toma-se por exemplo, a observação 3, em que as crianças sentadas aguardavam para brincar. Desta forma, as educadoras estavam impedindo que a atividade da criança, o que de acordo com Dolto (1972), significa para a criança sua destruição, pois fica submetida ao adulto.

Gagliotto, Berté e Vale (2012), apontam que toda manifestação agressiva busca comunicar algo, ou seja, para as autoras cabe ao adulto compreender aquilo que a criança está tentando comunicar, respondendo de maneira afetuosa a seu comportamento. Para tanto, é necessário que o educador tenha controle sobre seus próprios instintos agressivos, para que não vá de encontro à agressividade da criança, agindo da mesma forma. Ainda exemplificando pela observação 3, a postura adotada pelos profissionais de referência, são contrárias à exposta na literatura. Ao invés de sustentar a agressividade e sadismo da criança, próprios da fase e intensificados pelos fatores ambientais devido ao alto nível de estresse, os profissionais respondiam às ações das crianças com mais agressividade ou, mantinham-se omissos à situação.

A descrição da observação 2, permite a visualização que de a agressão não é direcionada apenas entre as crianças, mas também contra o educador. Este dado corrobora os estudos de Gagliotto, Berté e Vale (2012), que apontam que as atitudes de repreensão para com as crianças privando-as de afeto, tendem a intensificar os comportamentos agressivos.

Como já citado, as crianças desta instituição, muitas vezes, embora com a presença de alguns adultos, estavam desassistidas e, quando procuravam por ajuda não eram escutadas. De acordo com Morillo e Fonseca (2015), a função do professor atualmente, transcende o ato de educador. É preciso além dos métodos pedagógicos e do conhecimento formal transmitido ao grupo, momentos de atenção individualizada para cada um.

De acordo com Kupfer et. al (2012 apud MORILLO, FONSECA 2015), existe atualmente um discurso sobre a cognitivização da educação infantil, que tem como princípio norteador a ideia de que os bebês precisam ser estimulados desde os primeiros meses de vida. Este excesso de estímulos cognitivos pode provocar “o apagamento do lugar do sujeito na creche”. Em contrapartida, uma relação satisfatória educador-criança é que irá garantir o sucesso da construção do saber no sujeito.

Assim, de acordo com Freud (1927/1931), é necessário que a criança aprenda a sublimar os impulsos agressivos para conviver harmonicamente com os pares e, ter um processo de aprendizagem sadio. Entende-se a sublimação como um mecanismo de defesa básico, que afasta a sexualidade do objeto e, deve ser mediado por um representante da cultura, ou seja, um adulto. Desta forma, compreende-se que o excesso de estímulos cognitivos associado à falta de estímulos motores, não permite o adequado desenvolvimento do mecanismo de sublimação e, a criança não consegue transformar os impulsos agressivos em um comportamento aceitável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da literatura e frente à prática observada em uma instituição de ensino, nos deparamos com o excesso de crianças dentro de uma sala e, um reduzido número de profissionais, o que acaba por inviabilizar a atenção individualizada. Em contrapartida, observa-se que as crianças têm momentos de brincadeiras livres e de interação, o que de acordo com Kupfer et. al (2012 apud MORILLO, FONSECA 2015), são fundamentais para a constituição de um sujeito com identidade dentro de uma instituição educacional.

Embora o número de profissionais seja defasado, observa-se um despreparo destes profissionais, sobretudo na construção das relações educador-criança. Os fatores ambientais mostram-se significativos na constituição do sujeito e podem ser fatores determinantes para as ações da criança. Desta forma, compreende-se que um ambiente hostil, bem como, um ambiente excessivamente permissivo, irão contribuir para a intensificação de atitudes agressivas da criança. O primeiro, por denotar um modelo de comportamento a ser imitado e, o outro por caracterizar a falta de limite em relação ao meio. Assim, a postura do adulto na mediação dos conflitos infantis, poderá favorecer e intensificar ou atenuar a aparição destes.

Observa-se que há diversas teorias sobre as origens da agressividade infantil. Para a psicanálise, a agressividade é inata ao ser humano e, é a partir dela que o bebê tem suas primeiras experiências de vida. Este estudo, objetivou compreender o desenvolvimento dos processos de agressão e sua representação social.

Conclui-se que a criança que apresenta comportamentos agressivos é, muitas vezes, retalhada e, este sintoma que está sendo apresentado não é escutado em sua complexidade. Desta forma é necessário oferecer recursos, para que as pessoas que fazem parte da educação infantil das escolas estejam mais preparadas para lidar com o que é apresentado pelas crianças. O educador deve ser capaz, de atender as necessidades das crianças, promovendo atividades que permitam o processo sublimatório, para que assim, os impulsos agressivos da criança sejam canalizados para outras atividades.

6 REFERÊNCIAS:

CANDREVA, T.; CASSIANE, V.; RUY, M.P.; THOMAZINI, L.; CESTARI, H.F.; PRODOCIMO, E. A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**, v.12, n.1, 2009.

DOLTO, F. **Psicanálise e Pediatria**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1972.

FIAMENGGHI-JR, G.A. Desenvolvimento emocional e agressividade. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 9, n. 52, p. 58-60, 2000.

FIAMENGGHI-JR., G.A.; BRESSAN, C.G.; PORTO, J.C.; O desenvolvimento da agressão entre crianças da pré-escola: subsídios para uma análise das relações sociais. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 12, n. 67, p. 26-32, 2003.

FRANÇA, S.L.; YAEGASHI, S.F.R. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências. **Iniciação Científica CESUMAR**, v. 7, n. 1, p. 11–18, 2005.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. **O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996/v. 21, 1927/1931, p. 73 – 155.

KIVES, E. **Agressividade em psicanálise: um percurso teórico entre as obras de Freud e Lacan**. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

MARCELLI, D.; DAVID, C. A psicopatologia dos transtornos de expressão comportamental. **Infância e Psicopatologia**. 8ªed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORILLO, S.H.; FONSECA, F.P. A singularização do laço na educação infantil: por uma indeterminação necessária. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 3, São Paulo set./dez. 2015, p. 391-399.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VENEZIAN, J.A; OLIVEIRA, B.R; ARAUJO, M.A.C. **O manejo da agressividade da criança: o que uma mordida quer dizer?** Na. 7 Col. LEPSI IP/FE-USP 2009. Disponível em:

<file:///C:/Users/Cliente->

<PC/Documents/Psico%209%C2%BA%20Semestre/TCC/Col%C3%B3quio%20do%20LEPSI>

%20do%20IP_FE-USP%20-">%20do%20IP_FE-USP%20-

%20O%20manejo%20da%20agressividade%20da%20crian%C3%A7a_%20o%20que%20um">%20O%20manejo%20da%20agressividade%20da%20crian%C3%A7a_%20o%20que%20um

a%20mordida%20quer%20dizer_.html Acesso em: 26/10/2017.

WINNICOTT, D.W. As raízes da Agressividade. **A criança e seu mundo**. 6ed. Rio de Janeiro: LTC 1964/2008, p. 262 – 170.

WOLMAN, B.B. **Ajuda-te pela psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.